

SOCIABILIDADE E SOLIDARIEDADE: PROCESSO DE (RE)CONSTRUÇÃO DE UM CULTURA CÍVICA

Maria do Carmo Araújo¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma discussão sobre o processo de construção de uma cultura cívica no município de Lençóis, na Chapada Diamantina, Bahia, a partir dos novos movimentos sociais, das organizações do Terceiro Setor e da importância atribuída a cultura como forma de criação e recriação de valores. O foco da análise são as ações sociais que tem possibilitado constituir um novo contexto societário, articulado em redes sociais, criando-se formas de sociabilidade com novas perspectivas para o desenvolvimento local. Para se compreender a dinâmica social, política e cultural desse processo, toma-se como referência inicial o movimento social Avante Lençóis, ocorrido entre os anos 1995 e 1996. Analisa a adesão dos indivíduos e sua capacidade de compreensão do sentido da liberdade e das obrigações em relação a cidadania, sem desconhecer os conflitos, que, embora existentes, não anulam a vontade de buscar um projeto de sociedade mais justa e solidária.

PALAVRAS CHAVE: sociabilidade, dádiva, projeto.

INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo são inegáveis os avanços técnicos e científicos. Constata-se, no entanto, com perplexidade, que o conhecimento e as conquistas obtidas geraram mais inseguranças, incertezas e riscos na sociedade humana, acirrando ainda mais os conflitos sociais (Giddens, 1994). Porém, atento ao convite de Souza Santos (1996), essa perplexidade pode tornar-se produtiva, mesmo diante dos desafios e das incertezas que se

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e Doutoranda em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba.



apresentam, se forem vistas as expressivas experiências que vem sendo desenvolvidas localmente, mas articuladas globalmente, estimulando uma nova sensibilidade e sociabilidade, táteis por excelência, que podem gerar novas formas de vida social.

Neste contexto, procuro, neste trabalho, captar algumas imagens das veredas, tramas e redes tecidas por atores que constituíram o movimento social Avante Lençóis, no município de Lençóis, na Chapada Diamantina, Bahia. Este movimento formou-se a partir da mobilização e organização de segmentos da sociedade civil, em protesto contra a administração pública municipal, que, articulada neste movimento, resultou no “impeachment” do prefeito. Depois, por outros atores que foram se agregando aos trabalhos desencadeados a partir deste movimento, na perspectiva de criação social, onde a imaginação, solidariedade e o fazer coletivo constituíram seus principais alicerces criando pontes, formando redes, lembrando, como imagina Lenine, que

A ponte não é de concreto.
Não é de ferro, não é de cimento
A ponte é até onde vai meu pensamento.
A ponte não é para ir nem pra voltar.
A ponte é somente atravessar
Caminhar nas águas desse momento.
Nagô... Nagô... Na Golden Gate.

Como nos versos de Lenine, vendo a ponte como metáfora da travessia, também me aproprio do seu olhar dirigindo-o sobre o movimento social Avante Lençóis, enquanto momento de passagem e, ao atravessá-la, como por todas partes há caminhos, sempre se está na encruzilhada (Benjamin, 1994). Qual caminho escolher? São tantos e nestes ainda aparecem estradas vicinais! Assim, esse Movimento abriu veredas para impulsionar ações de mobilização cidadã, para constituição de uma sociedade civil mais ativa e florescimento de novas sociabilidades engendradas na solidariedade, relações de pertencimento e de novas identidades, apontando para um projeto de sociedade onde se percebem não somente



as dimensões macro, mas as esferas menores, reticulares, numa composição em rede, dando ênfase aos “pequenos” atos humanos e também fazendo renascer a imaginação criadora, conforme Bachelard, a imaginação, “aliada a vontade, é poder de criação”.

Percebo o movimento social Avante Lençóis, como uma ponte que possibilita as travessias entre as diversas veredas. A travessia foi feita de forma coletiva, movida por idéias que denotavam, num primeiro momento, certa homogeneidade e, de fato, isso ocorria, pois os diversos atores que dele participaram, tinham um objetivo comum, forçar o poder público local a prestar contas da responsabilidade para a qual havia sido eleito, exigiam integridade e transparência em todos os níveis, não sendo atendidos, foi destituído, depois de mais de um ano de batalha. Vencida a luta, os atores sentaram-se num canto e perceberam as encruzilhadas apontando várias veredas; houve dispersão, conflitos, rearticulações. Num outro estágio, a rede do Movimento foi-se desfazendo, mas restaram os fios, foram rejuntando-se em outro tipo de tecido, agora em ONGs e outros movimentos e associações que se constituíram em Lençóis.

Embora se reconheça a importância que tiveram e continuam tendo as diversas associações que se formaram depois da institucionalização do movimento social Avante Lençóis, assim como, de algumas já existentes, não analisarei, especificamente, nenhuma delas, procurarei mostrar algumas atuações de entidades e percepções que algumas pessoas têm, não só sobre os trabalhos desenvolvidos, mas o que eles representam como possibilidade de re-criação de uma rede social, a partir mesmo do local, de traços sócio-culturais já existentes, onde os vínculos criados possam ser uma pulsão que articule vontades que guiem à criação de um Projeto visando uma sociedade mais justa e solidária.

Elejo como principal conceito orientador deste texto, o de sociabilidade, procurando articulá-lo com dados empíricos e secundários, baseada no ensino de Bachelard, para quem



“pensar cientificamente é colocar-se no campo epistemológico intermediário entre teoria e prática” (Bachelard, 1984:5).

LENÇÓIS: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A cidade de Lençóis está situada na Chapada Diamantina, no Estado da Bahia, à 410 km de Salvador, capital do Estado. A história do seu povoamento data dos fins do século XVIII e início do século XIX, inicialmente por colonos e mineradores. A partir de 1844, quando é descoberta uma jazida de diamantes, o povoamento se consolida com a chegada de garimpeiros e comerciantes, mudando o perfil da exploração do minério que passa a ser comercializado por agentes de outros estados do país, e também de fora, principalmente franceses, ingleses e alemães (CAR, 1997).

As vantagens econômicas proporcionadas com a exploração do minério, atraíram considerável contingente populacional, alterando sua composição social e cultural. Este quadro, porém, se modifica em decorrência de vários fatores: esgotamento das jazidas do minério, alterações no quadro político nacional, com o governo do presidente Getúlio Vargas, e internacional, em consequência da segunda guerra mundial e a descoberta das jazidas dos diamantes africanos, que forçaram alterações na competição do mercado de pedras preciosas, com desvantagens para comercialização das pedras em Lençóis. Estes fatores forçaram os proprietários a diminuir ou suspenderem os trabalhos nas jazidas, os comerciantes e mineradores a migrarem em busca de outros mercados de trabalho, diminuindo significativamente a população local, que atualmente gira em torno de 10 mil habitantes.

Do ponto de vista da sua formação cultural, o município recebeu influência de várias culturas, relacionadas às tradições de origem dos imigrantes que ali se instalaram, como árabes, judeus, franceses, ingleses, alemães, africanos que vinham ainda como trabalhadores escravos ou servis libertos, e mineradores de outras regiões do Brasil,



principalmente Minas Gerais, trazendo suas tradições, compreensões de vida e religiosidade, compondo uma mestiçagem étnica e social, que formaria a povoação do município. Desta composição, há de se destacar a forte presença da cultura africana até os dias atuais, das suas concepções do sagrado, não apenas pela permanência da crença entre os seus adeptos, mas pela sua ressignificação incorporada no desenvolvimento dos trabalhos sociais, educativos e culturais realizados pelas associações existentes no município, sempre buscando desenvolver ações formativas emancipadoras.

Simultaneamente, as características culturais e religiosas provenientes dos africanos que ali chegaram, no início da formação do município, como também elementos culturais de outros grupos étnicos, são fios condutores dos trabalhos realizados por diversas entidades. Através destes referências, estas entidades buscam mobilização para as ações, possibilitando o conhecimento da história local e a construção de processos identitários pelo reconhecimento dos atributos culturais existentes ou atribuídos, procurando significado e espiritualidade enraizados na história e geografia (Castells, 1999), fornecendo assim, substância para as ações que são desenvolvidas.

POR UMA NOVA SOCIABILIDADE: RESSIGNIFICAÇÃO DA TRADIÇÃO

Uma das características fundamentais do sentido do termo “sociabilidade” estava relacionada ao mundo do trabalho e tinha significado identitário na formação da estrutura social. Este sentido se diluiu ou se reconfigurou em consequência das diversas transformações sociais e políticas e do avanço da técnica e da ciência. Hoje, uma de suas características fundamentais está relacionada à temporalidade. Nas formas emergentes de vida social, a efemeridade se contrapõe à permanência, fazendo com que os grupos sejam “formados” e “desfeitos” conforme as ocasiões que se apresentam, constituindo-se em agrupamentos que se “esgotam na ação” (Midlej e Silva, 1996). Assim, as funções sociais estabelecidas, passam a ser, nesse novo contexto, substituídas pelos papéis sociais voláteis



(Maffesoli, 1987). Dessa forma, uma mesma pessoa pode viver diversas experiências e também pode pertencer a uma ou mais comunidade.

A sociabilidade exposta por Maffesoli (Ibidem,1987), nessa reflexão, parece restrita ao instante, não se percebe uma perspectiva de Projeto, o que existe é a pulsão do estar-junto, o hedonismo do presente, que se desfaz no “momento seguinte”, dada a fluidez da modernidade diluída (Bauman, 2003). No entanto, pode-se argumentar os novos moldes em que se apresenta o Projeto na contemporaneidade, implicam novas sensibilidades, constituído como uma utopia numa dimensão múltipla, bem distinta das idéias pensadas pelos marxistas, onde o Projeto para a sociedade seria protagonizado por uma classe “redentora” da História, com etapas previamente definidas, um estado final, sem levar em conta os afetos, incertezas e contradições humanas.

Contrariando este pensamento dogmático, Sousa Santos (2001), como também o próprio Maffesoli (2001), em obra posterior, recorrem a metáfora da “indolência”, que impede transgredir o já instituído, para convocar a se pensar a destruição de idéias ou de teorias intransigentes, ainda que isso deva perturbar algumas sonolências dogmáticas e incita a exercitar o pensamento para vislumbrar caminhos que atendam às audaciosas contradições de um mundo em gestação. Emitir paradoxos. Um deles é a implicação emocional, a empatia com a socialidade e o fato de pensar com desapego (Maffesoli, 1998:13-14).

Sousa Santos ao fazer uma crítica aos moldes hegemônicos de pensar, faz apelo para a necessidade de recuperar a capacidade inventiva de pensar, de novas utopias, a partir, inclusive das coisas simples, porque são capazes de trazer uma nova luz à nossa perplexidade (Ibidem, 2001:59). Seu apelo pode até soar “romântico” para os mais cétricos, no entanto, é perceptível como a volta ao prazer de uma vida mais simples, do estar-junto, da revalorização do local, têm sido resgatadas, até como fortalecimento da sociedade civil.



Para Sousa Santos, baseado em sua experiência de análise sobre as “sociedades semi-periféricas” no contexto europeu, toma a imagem de Portugal para afirmar que aí, ao contrário do que o pensamento dominante apresenta, existe uma sociedade civil forte na sua riqueza em tecnologias familiares, tanto materiais como simbólicas, e em formas de sociabilidade face-a-face baseadas sobretudo no parentesco e na vizinhança (Ibdem, 1996:99). Como o horizonte do seu olhar é amplo, ele não deixa de reconhecer que esta mesma sociedade civil, pode ser considerada fraca, se o parâmetro de comparação forem os padrões das sociedades centrais.

A análise de Sousa Santos é pertinente, principalmente se pensar em termos da sociedade brasileira, formada também pelas contradições próprias de um país que vive, simultaneamente, vários estágios de desenvolvimento sócio-culturais, mas consegue demonstrar avanços inestimáveis no contexto da sociedade civil. Além do que, é importante refletir, não há, necessariamente, porque se tomar experiências das sociedades centrais como referência, deve-se, em primeiro lugar, levar em consideração as especificidades apresentadas em cada formação social. O que, no caso do Brasil, por exemplo, já foi demonstrado por estudiosos das diversas áreas do conhecimento, quando, entre outras abordagens, estudaram os movimentos sociais.

Pode-se, neste sentido, lembrar a capacidade demonstrada pelos diversos segmentos sociais, dos estratos mais baixos da população e dos trabalhadores, de também incorporarem aos conflitos sociais, enquanto estes ainda se processam, o sentido de festa como ‘anima’, lugar de pulsão em direção a luta, mas também de solidariedade e animação, que brotam das idéias para se prosseguir em movimento. Como lembra Bakhtin, “as festas (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante da civilização humana” (Bakhtin, 1993:7).

É possível constatar que, contemporaneamente, a festa readquire centralidade na vida das pessoas e dá ânimo na construção e desenvolvimento das lutas coletivas. Bakhtin (1993), é



um dos autores que bem demonstra isto, na sua análise sobre as lutas populares travadas em ambiente perpassado em festas públicas, como o carnaval, onde a paródia era a expressão por excelência, em pulsões de vida, cujas formas, em sua essência, ainda fazem parte dos modos de expressão das organizações nas lutas atuais.

Ao se olhar para a sociabilidade que se desenvolve entre as pessoas e grupos em Lençóis, verifica-se as condições apontadas pelos autores referidos, onde as relações primárias estabelecidas vão além da cordialidade, ainda sendo muitos os espaços de confiança e solidariedade existentes, mesmo quando a população convive com a diversidade cultural trazida pelo contingente cada vez mais expressivo de turistas e dos meios de comunicação de massa.

A mobilização e organização do movimento social Avante Lençóis, tiveram como base essa sociabilidade que consolida a interação social a partir do mundo da vida, com participação de segmentos expressivos da comunidade. Com a vitória do movimento, em 1996, conseguindo-se o ‘impeachment’ do prefeito, que era o objetivo da luta, houve sua institucionalização e passou a ser uma associação, agora denominada Associação Avante Lençóis. Este processo não foi tranquilo, vivenciou momentos conflituosos e rompimentos entre seus membros, em consequência de divergências conceituais e metodológicas acerca das propostas e execução dos projetos, surgindo outras entidades, como a associação Grãos de Luz e Apolen 14, todas elas formalmente constituídas hoje como organizações não governamentais – ONGs.

Na investigação que venho desenvolvendo, tenho percebido que, embora formalmente distintas, existe semelhança nos objetivos e na metodologia dos trabalhos realizados pela Avante Lençóis e Grãos de Luz, mas não há parceria. A distinção maior é a orientação adotada por cada entidade. Enquanto a Avante privilegia a formação dos jovens dando ênfase à política, a Grãos de Luz se volta para formação de educadores. Ambas, no entanto,



trabalham na perspectiva de mobilização, formação e organização de segmentos da população, contribuindo para reativar os laços de pertencimento, sociabilidade e o fortalecimento da sociedade civil em Lençóis.

Com a institucionalização destas duas entidades como ONGs, há ampliação dos trabalhos e são definidas novas linhas de ação: participação popular nas políticas públicas; fortalecimento das organizações comunitárias existentes, buscando-se a realização de ações conjuntas, especialmente em educação para cidadania.

As experiências das duas associações têm como base ideológica e pedagógica, cultivar os conteúdos e metodologias de trabalhos como fios e tramas às vezes tecidas em lugares e tempos distintos, porém que estão “ali”, como resíduos, conforme ensina Williams (1979). São certas experiências, significados e valores formados no passado, mas que se estendem e permanecem vivos em algo novo que está emergindo numa determinada realidade social, e podem ser ressignificados, de acordo com a imaginação dos indivíduos de determinado contexto social. São estes princípios que dão ‘anima’ aos trabalhos e possibilitam integrar não apenas as pessoas pertencentes às entidades, mas envolver suas famílias e as comunidades do entorno social.

A atuação da Avante Lençóis, envolve trabalhos pertinentes à formação das crianças e jovens adolescentes integrantes da entidade, buscando interação com a comunidade próxima, fazendo-a partícipe das diversas atividades que estiverem sendo desenvolvidas. Também como atores estão as famílias dos jovens, responsabilizando-os assim do movimento de interação social. Processo de criação social, que institui uma relação dialógica, permite a “fala” de todos e uma criação que não “se esgota na ação” (Maffesoli, 1987).



Além de aproximar-se e envolver as famílias dos jovens, a Avante Lençóis busca estabelecer alianças com a população urbana e rural, utilizando-se, para isso, dos meios de comunicação jornal e rádio comunitária, que são espaços não só de informação, mas de comunicação, no sentido primeiro que tem a palavra: comunhão, tornar comum, fazer comum. Tendo como meta societal, a formação de jovens gestores, para que se tornem lideranças críticas, atuem ativamente e com autonomia.

Os textos escritos para o jornal e também para a rádio, são produzidos coletivamente. A rádio é gerida por grupos de jovens, sua programação é feita pelos jovens gestores, representantes de grupos comunitários, coordenadores da associação e também de profissionais das áreas de saúde e educação, com programas de utilidade pública. Este procedimento faz superar o princípio da “cultura separada”: o que “sabe” e o que “faz”; do “saber científico” e do “senso comum”; do “mais velho” e do “mais jovem”.

A pauta do jornal prioriza notícias das pessoas “simples” e do cotidiano, com espaço permanente de destaque para as pessoas da comunidade, contribuindo não apenas para publicizar seus trabalhos, mas para estimular sua auto-estima, procurando simpatia e aliança para cumprir sua missão: “mobilizar e integrar a comunidade de Lençóis através da comunicação e educação para cidadania”.

O jornal reserva espaço para registrar histórias ou entrevistas das pessoas mais velhas do município, convida-as para entrevistas ou contar histórias na rádio comunitária, prestigiando não só um determinado segmento social e elevando sua auto-estima, mas utilizando um saber transmitindo-o de geração para outra, pela tradição e história oral, dessa forma, contribuindo para preservação da memória a partir das falas dos mais velhos, oferecendo-se assim, um meio de vincular o próprio ambiente presente a um passado mais amplo.



Por seu lado, a associação Grãos de Luz, prioriza a educação de crianças e jovens de famílias de baixa renda, baseado, de fato, no método Paulo Freire e forma ou complementa a formação dos professores da rede pública do município. Neste sentido, profissionaliza jovens com produção de trabalhos artesanais, cujo tema é a própria cultura local, agregando-os em cooperativa.

A Grãos de Luz tem produzido vídeos como meio de implementar ações educativas, não só no município, mas em grande parte da região da Chapada Diamantina, tendo como fio condutor da narração, elementos míticos da cultura da região, destacando-se o Velho Griô², também vídeos das manifestações culturais locais, não só como apoio para os trabalhos educativos da entidade, mas como forma de registro da memória cultural local.

Esta associação tem conseguido dar bastante visibilidade aos trabalhos desenvolvidos e sua prática pedagógica vem sendo adotada como referência em diversas partes do país. Sua presença nos meios de comunicação vai além do local, tendo inclusive, sido personagem principal de programas culturais e educativos de redes em cadeia nacional. Isto não tem significado, de forma alguma, alterações no conteúdo programático que são objetivos de sua existência. Tem, pelo contrário, contribuído para fortalecer a auto-estima dos jovens e adolescentes ao verem reconhecimento nos trabalhos desenvolvidos.

A capacidade que estas duas entidades têm demonstrado de mobilizar e organizar ações, tomando como princípio básico, a história e cultura local, é um dos fatores de maior reconhecimento pelas entidades mantenedoras dos projetos por elas desenvolvidos. A Grãos de Luz estruturou a Rede Cultural de Lençóis, com o objetivo de valorizar as manifestações populares, como os grupos de reisado, de marujada e de Sambas de Roda,

² O Velho Griô é uma figura mítica que existia entre comunidades africanas. Um velho contador de histórias que encantava todas as pessoas, principalmente as crianças. Surgia nos lugares de repente, “magicamente, do nada”.



sem perder de vista o que, simbolicamente, essas danças representaram numa determinada época do município e da região, e qual o seu sentido, no momento atual.

A Avante Lençóis, integrou-se aos trabalhos de preservação ambiental da região, articulados pelo movimento Rede Barbados. Sua atuação vai além dos trabalhos meramente de fiscalização, prepara os jovens para estarem vinculados às diversas comunidades preparando-as para compreender a importância da conservação da natureza. A forma e persistência das ações são reconhecidas e premiadas, fazendo com que sua visibilidade também ultrapasse a dimensão do local.

Esta visibilidade “midiática” é vista com restrição por alguns teóricos e observadores dos movimentos sociais e de ações coletivas; no entanto, autores como Giddens (1994) e Stam & Shohat (1995), compreendem que as transformações agenciadas pelos dispositivos comunicacionais mediáticos, sobre o conceito de lugar, tempo, espaço, relações interpessoais, não apontam para ruptura radical de tipos de relações sociais. Para eles, há a possibilidade de, simultaneamente, existir as duas formas de relações sociais: as tradicionais, baseadas na comunicação face a face e as realizadas à distância, intermediadas por meio sócio-tecnológicos. Desta forma, o sentimento de pertencimento sendo comum a ambas, ao tempo em que a preservação da identidade não significará isolamento, conforme compreende Castells (1999).

Assim, se os meios de comunicação contemporâneos ensejam mudanças nas culturas tradicionais, não significa sua extinção, há uma dinâmica cultural que permite ao mesmo tempo o surgimento do novo, com a paradoxal permanência de elementos essenciais, que podem “tanto alimentar sonhos de ascensão social, como estimular lutas para mudança social” (Stam & Shohat, 1995:148). Para Giddens (1994), as mudanças que se operam na contemporaneidade, em parte como resultado da globalização, permitem falar na emergência de uma “ordem social pós-tradicional”. Uma ordem pós-tradicional não é



aquela onde a tradição desaparece – longe disso. É aquela onde a tradição modifica o seu status. Nela as tradições devem explicar-se e abrir-se ao questionamento ou ao debate. (Giddens, 1994:11).

Neste sentido, pode-se compreender a dinâmica cultural destas entidades que atuam em Lençóis, assentadas em elementos essenciais (na religião, na dança, na música, linguagem, contos orais), convivem com o “global”, “reinventam a tradição”, sem contudo, perder de vista a criação dos projetos sociais voltados para o local, mas com capacidade de articular-se e relacionar-se com o “global”.

Para Sousa Santos (2001), os caminhos apontados por experiências desenvolvidas por algumas ONGs, como estas, constituem o conhecimento-emancipação, que aspira “[a] uma teoria da tradução que sirva de suporte epistemológico às práticas emancipatórias, todas elas finitas e incompletas e, por isso, apenas sustentáveis quando ligadas em rede” (Sousa Santos, 2001:31).

Ao lado disto, como lembra Chauí (1992), este processo contribui para dar sentido a memória, impedir o esquecimento do passado, porém compreendendo-o de forma política e crítica. Por outro caminho, este processo também pode ser compreendido como a metáfora da ponte, belamente imaginada por Lenine, é só atravessá-la com imaginação, para que se possa fazer a construção do presente e do futuro. Ainda é importante lembrar, que para Chauí,

Uma compreensão política da memória é atenta à diferença temporal entre o passado e o presente, é atenta à necessidade de liberar a memória e de explicitá-la para que o presente se compreenda a si mesmo e possa construir/inventar o futuro. (Chauí, 1992:43).



Sabe-se que a compreensão política, nem sempre está explícita nas falas dos diversos sujeitos quando estes rememoram fatos que foram da sua vivência cotidiana; também porque a compreensão política não deve ficar nos parâmetros fechados deste campo, vão muito além, incorporam atos da vida do homem simples, compreendem a própria cotidianidade, um saber da existência que se vincula ao emocional e afetivo, próprio às pessoas que sempre viveram num determinado local, mas que tem uma compreensão, que se costuma denominar de “senso comum”, do qual o saber “especializado” procura manter distância. Mas, de acordo com Martins, “[o] senso comum é comum não porque seja banal ou mero e exterior ao conhecimento. Mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social” (Martins, 2000:59).

Assim, partindo desta compreensão sobre o senso comum, pode-se entender a importância que se dá à manutenção dos laços que ainda permeiam as relações sociais mantidas por membros de uma entidade, como por exemplo, a Associação União dos Mineiros – SUM, quando o garimpo praticamente já não existe no município de Lençóis, a não ser o clandestino. Este comentário se fundamenta na resposta de um dos seus membros para a questão: Mas então para que mantê-la viva, “Sêo” Cícero?³

Por que a gente não pode deixar que morra uma sociedade que ainda tem gente que se reúne para conversar, mas cuida também dos garimpeiros mais velhos que não tem mais como trabalhar. Quem pode paga 2 reais por mês, a gente junta e dá para ajudar na compra dos remédios e na compra dos caixões. Tem muita gente velha, tão morrendo, pobres e não se pode deixar de enterrar. Muita gente pensa que o ga.rimpo acabou, mas não acabou não, ainda tem gente que pega diamante, mas de forma tradicional. Garimpar de draga foi proibido pelo governo, acho certo, porque estava poluindo, mas acho errado pegar de ‘peneira’. Ainda consigo garimpar, não é fácil encontrar as pedras, mas às vezes dá sorte. A associação até hoje cumpre sua missão de organizar a festa do Senhor dos Passos, que é o

³ Sr. Cícero Moraes de Souza, 80 anos, garimpeiro (clandestino), um dos diretores da – o SUM. Depoimento dado em 04.02.2003.



padroeiro da cidade, e os garimpeiros criaram essa festa. Estava um pouco desanimada, mesmo assim não teve um janeiro que o Senhor dos Passos ficasse sem sua festa e os garimpeiros não carregasse o andor, mas este ano foi muito boa, todo mundo depois comentou da animação. A associação tem mais de 200 associados, nem todos são garimpeiros, porque qualquer um pode ser, basta ser bom cidadão.

O depoimento do Sr. Cícero é como uma paisagem entrecortada de tempos e lembranças. Da convivialidade e da relação de pertencimento com outros que fizeram parte da sua vida e do trabalho; de amizades que ainda permanecem e se concretizam nas conversas e encontros sociais. O empenho nos trabalhos que poderiam ser considerados meramente beneficentes ou assistenciais, na realidade, constituem as razões para que a associação da qual faz parte, não perca sua razão de ser, como também, provavelmente, a sua vida.

Sua fala denota a relação de dádiva que se constrói e se estabelece entre grupos e pessoas, conforme a concepção de Caillé (2000), sobre o dom e a partilha, constituídas pela relação do dar, receber e retribuir, na qual também estão implícitas a amizade, simpatia, compaixão, misericórdia. Sentimentos que a razão da modernidade não conseguiu apagar da convivência humana. Sendo então plena de sentidos a preocupação de “ter dinheiro para pagar o enterro do garimpeiro”. Quer dizer, dar dignidade ao último contato com àquele que, por tempos, foi colega de trabalho e parceiro na vida.

O saber ecológico inscrito no depoimento do Sr. Cícero, aproxima-se do que Martins (2000) considera “senso comum”, conhecimento do homem simples, aquele que sabe que é preciso preservar a natureza, para que sua espécie sobreviva. Por isso, é possível imaginar que ele concorda que não se deva garimpar utilizando-se draga, mas não se curva à proibição imposta, porque conhece formas de obter o diamante sem prejudicar a natureza e não adquiriu outras habilidades para executar outros trabalhos.



Através dessas concepções têm sido realizados trabalhos pelas associações referidas ao longo deste texto, buscando recriar as utopias para poder vislumbrar o futuro, a partir de um presente que se vincula ao passado, de forma mais criativa e solidária, descobrindo, por meio da imaginação, novas possibilidades humanas, tendo como suporte as coisas simples, sem negar os avanços técnicos e científicos, mas reconhecendo o conhecimento do senso comum, que é a base essencial da teia de significados da sociedade humana.

É neste sentido de existência das entidades acima referidas, que se pode entender a concepção de Castoriadis sobre o papel dos movimentos, das organizações sociais e das minorias para constituição do Projeto de uma sociedade autônoma como criação social. Sua dimensão de Projeto é essencialmente política e sempre em “devir”. Ele afirma que o Projeto é o elemento da práxis e de toda atividade. É uma práxis determinada, considerada em suas ligações com o real, na definição concretizada de seus objetivos e na especificação de suas mediações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir, considerando que as mediações resultantes das formas nas quais resultam o processo de sociação, criam os conteúdos e os interesses materiais ou individuais; estas formas existem por si mesmas, brotam porque são inerentes a condição do ser humano, fascinam pela liberação do laços que formam, “[é] isto precisamente o fenômeno a que chamamos de sociabilidade” (Simmel, 1983:168)

Nesta concepção, Simmel dá a entender que a “pura forma”, constitui a “sociedade” verdadeiramente sociável, sem “outras qualificações”. No entanto, conforme sua argumentação, um racionalismo superficial procura sempre a riqueza dessa realidade “apenas entre os conteúdos concretos”, como não os encontra, “prescinde da sociabilidade como de uma tolice superficial” (Ibidem, 1983:169)



A argumentação deste autor permite compreender que os sujeitos e atores sociais que integram as ações coletivas dos diversos movimentos sociais, associações, etc., encontram nas formas simbólicas e lúdicas que constituem a sociabilidade, substância e vida aos trabalhos empreendidos, como, por exemplo, estão sendo feitos por associações em Lençóis. Aí poderão estar as expressões mais verdadeiras de cada indivíduo, coletivamente externando sensibilidades e afetos, em relações interativas, de “maneira vigorosa e efetiva”. É instigante imaginar que daí poderá se instituir uma rede de sociabilidade com nós tão bem articulados, que as diferenças e conflitos não possam rompê-los. Ao contrário, como pensa Simmel (1983), eles sejam pulsão para se refazer trajetos e re-fundar uma sociedade mais solidária e também lúdica.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Delmar de Araújo; NEVES, Erivaldo Fagundes; SENNA, Ronaldo de Salles. Bambúrrios e Quimeras: Olhares sobre Lençóis, narrativa de garimpos e interpretações da cultura. Feira de Santana. BA. UEFS. 2002.
- ARAÚJO, Maria do Carmo. Festa e resistência negra: o carnaval no contexto dos blocos afro Ilê Aiyê e Olodum, em Salvador-BA. João Pessoa-PB. Dissertação de Mestrado em Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba. 1996.
- BACHELARD, Gaston. A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço. SP. Abril Cultural. Coleção Os Pensadores. 1984.
- BACHELARD, Gaston. A terra e os Devaneios da Vontade. Ensaio sobre a imaginação das forças. SP. Martins Fontes. 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. SP. Hucitec; Brasília. UNB. 1993.
- BAUMAN, Zigmunt. Modernidade e Ambivalência. RJ. Zahar Editor. 1999.
- BAUMAN, Zigmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. RJ. Zahar Editor. 2003.



BENJAMIN, Walter. O narrador. IN: Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política. SP. Brasiliense. 1994. p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. IN: Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política. SP. Brasiliense. 1994. p.222-232.

CAILLÉ, Alain. Antropologia do dom: o terceiro paradigma. Petrópolis. Vozes. 2002.

CAR – Companhia Regional de Desenvolvimento e Ação Regional/Governo do Estado da Bahia. Plano de Desenvolvimento sustentável de Lençóis. 1997.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. SP. Paz e Terra. 1999.

CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. RJ. Paz e Terra. 1982.

CASTORIADIS, Cornelius. As encruzilhadas do labirinto/3. O mundo fragmentado. RJ. Paz e Terra. 1992.

CHAUÍ, Marilena. Política cultural, cultura política e patrimônio histórico. IN: O direito a memória: Patrimônio histórico e cidadania. SP. DPH. p.37-46.

DUVIGNAUD, Jean. Festas e Civilizações. Fortaleza. CE. Edições UFCE; RJ. Tempo Brasileiro. 1983.

ELIAS, Nobert. A sociedade dos indivíduos. RJ. Zahar Editor. 1994.

GIDDENS, Anthony. Admirável mundo novo: o novo contexto da política. IN: Caderno do CRH. No. 21. Salvador - BA. Centro de Recursos Humanos. UFBA. 1994. p. 9-28.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. RJ. Forense Universitária. 1987.

MAFFESOLI, Michel. A contemplação do mundo. Porto Alegre. Artes e Ofícios. 1995.

MAFFESOLI, Michel. Elogio da razão sensível. Petrópolis. Vozes. 2001.

MARTINS, José de Souza. A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala. SP. Hucitec. 2002.

MARTINS, Paulo Henrique (org.). A dádiva entre os modernos. Petrópolis. Editora Vozes. 2002.



MIDLEJ E SILVA, Suylan de Almeida. O pertencimento na festa. Salvador. Salvador-BA. Dissertação de Mestrado em Comunicação, da Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia. 1996.

RUBIO, Antonio Méndez. La revolució invisible. La cultura como espacio de conflicto y resistencia. IN: Voces y Culturas. Revista de Comunicación. Barcelona. Voces y Culturas. 2000. No. 15. p. 129-150.

SIMMEL, Georg. Sociologia. SP. Ática. 1983.

SOUSA SANTOS, Boaventura. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. SP. Cortez. 1996.

SOUSA SANTOS, Boaventura. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. V. 1. SP. Cortez. 2001.

SOUSA SANTOS, Boaventura. Os processos da globalização. IN: SOUSA SANTOS, Boaventura. A globalização e as Ciências Sociais. SP. Cortez. 2002.

WILLIAMS, Raymond. Cultura e Sociedade. SP. Editora Nacional. 1969.

